

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

AS ANÁLISES DE MARX E ENGELS SOBRE A DIPLOMACIA NO SISTEMA
DE PODER MUNDIAL DA CONVENÇÃO DE VIENA E SUA CONTRIBUIÇÃO AO
ESTUDO CONTEMPORÂNEO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Muniz Ferreira

A presente comunicação se ocupa da produção de Karl Marx e Friedrich Engels referente às relações diplomáticas entre os estados nacionais do mundo durante as décadas de 50 e 60 do século XIX. No curso destes anos, os iniciadores da tradição marxista, tiveram a oportunidade de exercer suas aptidões como analistas dos assuntos internacionais em publicações européias e norte-americanas, em particular nas páginas do diário estadunidense *New York Daily Tribune*, do qual foram correspondentes europeus entre 1851 e 1862. A investigação realizada procurou realçar a forma como os dois intelectuais e dirigentes revolucionários alemães interpretavam o conteúdo da política mundial no interior do primeiro sistema internacional da história contemporânea: o sistema internacional da Convenção de Viena. Neste estudo, procuro focar a forma como se apresentavam, nos escritos jornalísticos de Marx e Engels, o tema da autonomia relativa da política em relação à economia e à luta de classes e o peso desempenhado pela *Raison d'Etat* nas relações internacionais.

Desconhecida por importantes expoentes do pensamento acadêmico ocidental como Raymond Aron e Norberto Bobbio, os artigos publicados por Marx e Engels no *Tribune*, foram parcialmente explorados por marxólogos ocidentais como Salomão Bloom¹ e Miklós Molnár², tais autores no entanto não enfatizaram satisfatoriamente a importância de tais escritos para a recuperação de uma extensa produção sobre os assuntos internacionais do século XIX, tampouco acentuaram sua relevância para a reconstituição de uma reflexão

¹ Bloom, Salomon. *El mundo de las naciones – el problema nacional en Marx*. Tradução de Roberto Bixio. Argentina Siglo XXI, 1975.

² Molnár, Miklós. *Marx, Engels et la politique internationale*. Paris, Éditions Gallimard, 1975.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

marxiana e engelsiana sobre as relações internacionais em seu tempo. Molnár, que mais distante foi em tal direção, utilizou apenas parcialmente os artigos do *Tribune* e procurou, todo o tempo, decodificar aquela produção tão inusitada do ponto de vista da ortodoxia marxista, à luz de concepções preestabelecidas sobre o economicismo e o eurocentrismo de Marx e Engels. Limitações estas que, não se manifestando acentuadamente nos referidos artigos, tiveram que ser recolhidas da interpretação de outros textos destes autores.

Por outro lado, é essencial assinalar que a leitura da correspondência de Marx e Engels com o *Tribune* exhibe uma dimensão pouco conhecida da vida e do pensamento destes autores. Lembrados hoje em dia principalmente como estudiosos dos processos de desenvolvimento do capitalismo e teóricos do socialismo revolucionário internacional, podem ser lidos nas páginas da imprensa norte-americana desempenhando as funções de analistas do sistema internacional da convenção de Viena e expoentes de um pensamento democrático, republicano e reformista, mas sobretudo, realista.

Os primeiros artigos que Marx e Engels dedicaram às relações diplomáticas entre os estados europeus no *Tribune*, tiveram como pano de fundo o refluxo dos movimentos revolucionários que haviam se disseminado ao longo do continente no período 1847-1849, e o estabelecimento do Segundo Império Francês sob a direção de Luiz Bonaparte, no ano de 1851. Foi justamente à atividade deste último personagem, a quem tanto Marx quanto Engels não poupavam os ditirambos mais virulentos, que os dois articulistas dirigiram suas primeiras observações em matéria de diplomacia internacional. Ao analisar a aproximação de Mazzini, chefe do movimento pela unificação italiana, em relação ao imperador dos franceses, Marx o criticou violentamente, afirmando que as intenções de Napoleão III limitavam-se à anexação da Lombardia e Veneza ao seu império, em detrimento claro dos objetivos de unificação nacional acalentados pelos líderes peninsulares. Contudo, no primeiro ano de colaboração de Marx e Engels para com o *Tribune*, a emergência nacional das populações da Europa Centro-Oriental e o balanço dos movimentos democrático-radicais no interior do mundo germânico constituiriam os temas privilegiados da correspondência jornalística dos dois exilados alemães com o diário estadunidense.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

Somente a partir do biênio 1853-1854, as articulações político-diplomáticas entre os principais estados nacionais europeus situar-se-iam no centro das preocupações internacionais dos dois companheiros de lutas e letras. Os interesses internacionais tangidos pelo movimento de unificação italiana, o destino da Turquia e as ações da Rússia, tais foram os temas internacionais que mais catalisaram a atenção de Marx e Engels neste período.

Não escapou à atenção dos dois críticos alemães, os objetivos restauracionistas e conservadores que presidiram a fundação do sistema internacional da Convenção de Viena. Interessados como estavam nos destinos do movimento revolucionário europeu, Marx e Engels não pouparam críticas às concepções e aos métodos das cinco potências (Áustria, Prússia, Rússia, Inglaterra e França) que constituíam o núcleo duro (*hardcore*) deste sistema, ou seja a **Santa Aliança**. Para os dois autores, por detrás da “verborragia altissonante” dos homens de estado europeus do período, ocultavam-se dois objetivos inconfessáveis: o desejo de hegemonia e o repúdio à revolução. Para eles, portanto, tais desígnios não poderiam inspirar outras atitudes internacionais que não aquelas caracterizadas pela hipocrisia e a simulação entre as grandes potências, o desrespeito à soberania nacional, a prática sistemática de chantagens e intimidações no tratamento dispensado pelas grandes potências aos estados menores. Como regra geral, vigorava, portanto, a prática da interferência recíproca nos assuntos internos de outros estados, limitada apenas pelo “equilíbrio de poder” – conceito já conhecido e empregado por Marx – nas relações entre os estados nacionais.

Atentos como estavam às especificidades estruturais das relações entre os estados nacionais de seu tempo, Marx e Engels não se furtariam sequer à apreciação do lugar reservado aos pequenos países no interior daquele sistema. No artigo intitulado “*O posicionamento político da República Suíça*,”³ Friedrich Engels sentenciava que, no contexto da ordem internacional vigente, a apregoada “*política de neutralidade dos*

³ *New York Daily Tribune*, Nº 37770, 17 de maio de 1853, apud, *Collected Works*, Vol. 12, op. cit. pp. 86-92.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

pequenos estados” havia se constituído numa mera formalidade, estando tais nações condenadas a desempenharem na prática a função de instrumentos a serviço das forças anti-revolucionárias e conservadoras hegemônicas, simples fantoches no jogo internacional das grandes potências.

Ainda no biênio 1853-1854, Marx e Engels já percebiam o aprofundamento das tensões entre as potências européias com relação aos problemas do Oriente Próximo. Verificava-se então um deslocamento da atenção dos principais estados euro-ocidentais para as perspectivas geradas pela deterioração do poder do Império Turco. O que significava possibilidades reais de absorção de parcelas valiosas do antigo império dos sultões como aquelas situadas na região dos Balcãs, bem como nas imediações do Estreito de Bósforo e dos Dardanelos. Destarte, uma extensa série de artigos dos dois autores versou sobre a chamada “Questão Oriental”, ponto nodal da futura Guerra da Criméia.

Foram publicados sob a assinatura de Engels no *Tribune* os artigos: “A verdadeira questão na Turquia”, “A Questão Turca”, “Qual será o destino da Turquia na Europa?”, além da seção “Turquia” em seu artigo “A Política Britânica – Disraeli – Os refugiados – Mazzini em Londres – Turquia”. Com a firma de Marx, vieram à luz as matérias: “A imprensa londrina – A política de Napoleão frente à questão turca”, “Tumulto em Constantinopla – O movimento de xadrez alemão – O orçamento”, “Mazzini – A Suíça e a Áustria – A questão turca”, “A Questão Turca – The Times – A expansão Russa”, “A prosperidade inglesa – Greves- A questão turca – A Índia”, “A política russa contra a Turquia – Cartismo”, “As dificuldades russo-turcas- Manobras e trapanças do gabinete britânico – A última nota de Nesselrode – A questão das índias orientais”, “A guerra na Birmânia – A questão russa – Uma curiosa correspondência diplomática”, “Na Câmara dos Comuns – A Questão Oriental sob o olhar da imprensa – O manifesto do Czar – Dinamarca”, “O dever de anunciar – Os movimentos russos – A Dinamarca – Os Estados Unidos na Europa”, “Uquhart – Bem – A questão Turca na Câmara dos Lordes”, “A Questão Turca na Câmara dos Comuns”, “O problema da guerra – Feitos do Parlamento – Índia”, “As potências ocidentais e a Turquia – Uma iminente crise econômica – A

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

construção da estrada de ferro na Índia”, “As potências ocidentais e a Turquia – Os sintomas da crise econômica”, “Os pontos de vista do Czar – O Príncipe Alberto”, “A Diplomacia Russa – O Livro Azul Sobre a Questão Oriental – Montenegro”.

A desproporção entre a quantidade de artigos escritos por Marx em relação aos de Engels neste período deve-se, mais uma vez, “à *divisão intelectual do trabalho*” estabelecida entre os dois amigos. Enquanto Marx concentrava-se mais na dimensão político-diplomática do conflito em curso (a Guerra da Criméia de 1853-1856), Engels dedicava-se, como já foi assinalado no tópico anterior, à evolução das operações militares.

O comprometimento de Marx e Engels para com a perspectiva histórico-materialista reivindicada por eles conduzi-los-ia a um esforço de dissecação das causas do conflito político-militar em curso naqueles anos. Como já foi indicado, os dois principais focos da tensão internacional de então situavam-se na região balcânica e no Oriente Médio. Enquanto a maior parte dos estadistas e diplomatas do ocidente defendia a manutenção do *status quo* estabelecido pelo Congresso de Viena e preconizava a preservação da soberania otomana sobre aquelas áreas, Marx e Engels enxergavam, na permanência da hegemonia turca em tais regiões, um sério obstáculo ao progresso histórico e à resolução democrática do problema das populações eslavas meridionais. Retificando parcialmente o núcleo de suas concepções do período 1851-1852, os pensadores revolucionários alemães já admitiam a possibilidade de que os eslavos da península balcânica, sob uma direção democrático-revolucionária, pudessem se constituir em uma República Federativa dos Estados Eslavos. Tal formulação, entretanto, orientava-se mais pelo temor de que um possível avassalamento do Sultão pelo Czar de todas as Rússias ampliasse a influência da autocracia ortodoxa naquele quadrante. Por outro lado, expressavam também sua repulsa à política considerada arquiconservadora da diplomacia austríaca, que em seu apego obsessivo à “legitimidade” neutralizava qualquer possibilidade revolucionária e sentenciava os turcos à inércia ante o avanço das pretensões russas. Tais críticas dirigiam-se acima de tudo aos supostos anacronismo e decrepitude do sistema internacional da Convenção de Viena,

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

“As potências ocidentais, por outro lado, atuam de forma inconsistente e pusilânime, suspeitando uma da outra. Começam encorajando o Sultão a resistir ao Czar por temerem as usurpações russas e terminam compelindo o primeiro a capitular, devido ao temor de que uma guerra européia possa dar origem a uma revolução européia. Impotentes demais e excessivamente tímidos para empreender a reconstrução do Império Otomano através do estabelecimento de um Império Grego, ou de uma República Federal dos Estados Eslavos, o que todos eles desejam é a manutenção do status quo,⁴ ou seja, do estado de putrefação que impede o Sultão de se emancipar do Czar e os eslavos de se emanciparem do Sultão.”⁵

Para Marx e Engels, a verdadeira solução da crise que assolava a região balcânica e o Próximo Oriente, não deveria ser esperada das articulações empreendidas pelos chefes políticos do Ocidente, mas sim do desenvolvimento de uma revolução democrática européia. Para Engels, desde 1789 as fronteiras desta revolução vinham se deslocando gradativamente na direção do oriente. “Os últimos postos avançados da revolução foram Varsóvia, Debreczin e Bucareste,⁶ os próximos serão Petersburg e Constantinopla.”⁷ No entanto, para que tal processo revolucionário pudesse se desenvolver plenamente seria necessário um ajuste de contas com o papel, a um só tempo, contra-revolucionário e mistificador desempenhado pela Império Czarista.

⁴ Marx alude aqui ao posicionamento tradicionalmente adotado pela diplomacia austríaca frente às reivindicações de independência nacional do povo grego, configurada desde os primórdios da existência do sistema da Convenção de Viena. Em 1821, ocorrera um levante contra a dominação turca sobre o povo helênico. Confrontado com a alternativa entre o apoio aos cristãos gregos em luta contra os muçulmanos turcos e a defesa da autoridade estabelecida, o príncipe Metternich, Chanceler austríaco e um dos idealizadores da Santa Aliança, não hesitou em se posicionar ao lado dos governantes otomanos. Tal atitude deu margem a que o Czar russo Nicolau I, não obstante seu caráter inconfundivelmente reacionário e autocrático, se posicionasse ao lado dos patriotas gregos. Atitude que aumentou desproporcionalmente a influência russa na região do Mar Egeu e provocou uma das primeiras fissuras no seio da coalizão conservadora das Cinco Potências. Ver a esse respeito, Alan Cassels, *Ideology & International Relations in the Modern World*, Londres, Routledge, 1996, p. 49.

⁵ MARX, Karl. “The war question – Doings of Parliament – India” in: *New York Daily Tribune*, Nº 3838, 5 de agosto de 1853. *Collected Works*, Op. Cit. Vol.12, p. 212.

⁶ Referia-se naturalmente às insurreições dos anos 1848-1849.

⁷ ENGELS, Friedrich, “What is to become of Turkey in: Europe?” in: *Collected Works*, op. cit. vol. 12, p. 34.